

TRAJETÓRIAS NEGRAS: PERCURSOS, AVANÇOS E RETROCESSOS NA ACADEMIA

Black trajectories: paths, advances and setbacks in academia

Trayectorias negras: caminos, avances y retrocesos en la academia

LUANE BENTO DOS SANTOS¹
ORCID: 0000-0003-2071-9373

RESUMO

Este texto foi proferido na Conferência de abertura do III Seminário do Coletivo Negro do IESP-UERJ, realizado no dia 16 de setembro de 2024, no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Durante o evento, tive como objetivo apresentar eventos da minha trajetória pessoal/individual e relacioná-los com as políticas dos movimentos negros na sociedade brasileira e com a produção intelectual do campo da Sociologia da Educação. Dessa forma, usei como recursos na apresentação imagens fotográficas de eventos relevantes da minha trajetória de vida e acadêmica, assim como as relacionei com a produção teórica dos campos da Educação, das Relações Raciais e da Sociologia da Educação. Ao longo da conferência, abordei a relevância da educação para a população negra e como a minha trajetória acadêmica e profissional esteve e está atrelada a um projeto político coletivo das comunidades negras.

Palavras-chave: Trajetórias Escolares; Educação das Relações Étnico-raciais; Sociologia da Educação; Ações Afirmativas

ABSTRACT

This text was delivered at the Opening Conference of the III Seminar of the Black Collective of IESP-UERJ, held on September 16, 2024, at the Institute of Social and Political Studies (IESP) of the Rio de Janeiro State University. During the event, my objective was to present episodes from my personal/individual trajectory and relate them to the political agendas of Black movements in Brazilian society, as well as to the intellectual production within the field of the Sociology of Education. To this end, I used photographic images of significant moments in my life and academic trajectory, relating them to theoretical contributions from the fields of Education, Race Relations, and the Sociology of Education. Throughout the conference, I addressed the relevance of education for the Black population and discussed how my academic and professional trajectory has been, and continues to be, tied to a collective political project of Black communities.

Keywords: School Trajectories; Education of Ethnic-Racial Relations; Sociology of Education; Affirmative Actions

RESUMEN

Este texto fue presentado en la Conferencia de Apertura del III Seminario del Colectivo Negro del IESP-UERJ, celebrado el 16 de septiembre de 2024 en el Instituto de Estudios Sociales y Políticos (IESP) de la Universidad del Estado de Río de Janeiro. Durante el evento, mi objetivo fue exponer episodios de mi

¹ Luane Bento dos Santos é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-Rio, mestranda em Relações Étnico-raciais pelo CEFET-RJ, bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela UERJ e bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela UFF. Desenvolve pesquisas no campo da Educação das Relações Étnico-raciais, Etnomatemática, Ensino de Ciências Sociais e Antropologia Social. Diretora e roteirista dos curta-metragens "Memórias Trançadas" (2022) e "Manifesto Omolu" (2025). É membra da Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os (ABPN) e da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS).

trayectoria personal/individual y relacionarlos con las políticas de los movimientos negros en la sociedad brasileña, así como con la producción intelectual del campo de la Sociología de la Educación. Para ello, utilicé imágenes fotográficas de momentos significativos de mi trayectoria vital y académica, estableciendo vínculos con los aportes teóricos de los campos de la Educación, de las Relaciones Raciales y de la Sociología de la Educación. A lo largo de la conferencia, abordé la relevancia de la educación para la población negra y analicé cómo mi trayectoria académica y profesional ha estado, y continúa estando, vinculada a un proyecto político colectivo de las comunidades negras.

Palabras clave: Trayectorias Escolares; Educación de las Relaciones Étnico-Raciales; Sociología de la Educación; Acciones afirmativas

INTRODUÇÃO

Bom dia a todos, todas e todes! Meu nome é Luane Bento dos Santos, como bem falou o Antônio. Fico feliz pelo convite da Maria Carolina; a gente estudou juntas no IFCH/UFRJ², e eu “enganava” que dava aula de Didática e Prática de Ensino das Ciências Sociais. Enfim, fiquei feliz com o convite e aceitei meio que em cima da hora, mas vamos lá! Para mim, sempre é muito difícil pensar em falar de trajetória, e também teve outra questão que eu mencionei: “Olha, não sou socióloga nem cientista política, eu sou antropóloga e já vou me sentir ‘estrangeira’”. Minhas pesquisas estão nesse caminho, mas acho que é importante; e, enquanto uma pessoa que pertence a várias organizações do movimento negro, é sempre importante vir aos espaços que o movimento negro cria nas instituições ou então àqueles de que faço parte.

Eu também gosto de me pensar como uma andarilha. “Você pode dar aula numa ONG que é lá na Central do Brasil no domingo?” Outro dia parei para pensar e falei: “Gente, com a questão do ativismo político, eu já fui a tantos lugares, já palestrei, efetivamente já participei de muitas atividades nesse tempo que tenho de academia”. Então, coloquei o título da mesa na minha apresentação (*Trajetórias negras: percursos, avanços e retrocessos na academia*), e a minha proposta é apresentar um pouco dessa minha trajetória de vida e trajetória educacional a partir de imagens fotográficas dos meus familiares e da minha vida enquanto pessoa que exerce vários papéis sociais: acadêmica, mãe, religiosa, fruto do movimento negro educador. E aí eu acho que uma grande referência é a obra da excelentíssima professora Nilma Lino Gomes. De fato, isso aqui³ diz muito sobre eu ser fruto do movimento negro da universidade.

Se, na universidade, ainda há resistência para colocarmos a educação das relações étnico-raciais e para estudarmos autores negros, no movimento negro as teorias racistas, eugenistas, e autores como Lélia Gonzalez, Steve Bantu Biko, Abdias do Nascimento e Virginia Bicudo foram autores aos quais tive acesso logo no início. Foi esse movimento negro, os coletivos de estudantes negros, dos quais fiz parte, que foram me formando. Tenho muito orgulho dessa trajetória porque, de fato, foi nesse espaço que me formei e que se tornou possível pensar até os temas das minhas pesquisas, inclusive aquelas que se distanciaram um pouco das Ciências Sociais⁴.

E aí, trazendo a referência de uma intelectual que não passou por uma educação formal-institucional, que é a mãe Aninha do *Ilê Axé Opô Afonjá*, uma casa tradicional do Candomblé, ela dizia algo que minha família também realizou. Hoje, analisando, percebo como minha família está inserida em um contexto de movimento negro cultural, seja pela religiosidade, seja pelas festas que meu irmão organizava com temática afro em Niterói (RJ). Mãe Aninha tem uma fala que os filhos (membros) do *Ilê Axé Opô Afonjá* repetem: “Quero meus filhos com anel no dedo”. E sabemos que, no Brasil, a história dos bacharéis e o uso do anel por áreas como o Direito compõem um contexto reconhecível.

Na minha família, esse projeto também existia, e hoje quero enfatizar esse projeto educacional, coletivo, das famílias negras. Eu sou essa pessoa que a família negra sonhou: alguém com um anel no dedo. Só que, para mim, que sou uma das primeiras a cursar o nível superior, o anel no dedo terminava com a conclusão da graduação. Mas a gente descobre que não é só a graduação: existe o mestrado, o doutorado, e, depois do mestrado, surge a cobrança para fazer o doutorado; depois do doutorado, a cobrança para prestar concursos para o magistério superior.

Bom, vamos lá. Sempre começo esse tipo de apresentação pela minha linhagem feminina: minha avó materna, dona Maria das Neves, esta aqui, sobre quem produzi e lancei, em março de 2022, um filme no qual a trago

² Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Retirei da bolsa o livro *Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação da intelectual Nilma Lino Gomes*.

⁴ Refiro-me à escrita da dissertação de mestrado realizada no campo da etnomatemática.

para dialogar com meu tema de pesquisa no doutorado, no mestrado e na graduação: estética corporal, em particular as manipulações dos cabelos crespos nas famílias negras. O nome do filme é *Memórias Trançadas*⁵ e nele trabalho muito com a imagem dela e com as pessoas indo buscá-la como uma referência – no que se refere à cabeleireira especializada na estilização dos cabelos com tranças e ferro quente. Abaixo está sua imagem:

Fotografia 1 – Dona Maria das Neves, avó materna da autora



Fonte: Acervo pessoal da autora, 1980.

Esta outra senhora é a minha avó paterna, dona Maria de Lourdes Pacheco, que também traz a questão da religiosidade e da sua afirmação.

Fotografia 2 – Dona Maria de Lourdes Pacheco, avó paterna da autora



Fonte: Acervo pessoal da autora, 1994.

Enfim, trago essas duas mulheres porque ninguém existe sem seus antecedentes, sem seus antepassados. São duas mulheres negras, e é interessante dizer que a minha avó paterna, dona Lourdes, só pôde ser alfabetizada aos 68 anos. Isso está atrelado a uma sociedade em que a educação, principalmente para a população negra, passou a ser acessada tardiamente, porque essa não era preocupação⁶. Então aos 68 anos, ela foi alfabetizada

⁵ *Memórias Trançadas* é um curta-metragem experimental que aborda os cuidados das famílias negras na manipulação dos cabelos e procura retratar as relações de afeto e o legado ancestral africano nessa prática cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHCoaUvAKIU>. Acesso em: 18 maio 2025.

⁶ De acordo com Dermeval Saviani (2000) e Helena Bomenny (2007), as elites brasileiras e o Estado não tiveram, nas primeiras décadas da república, a preocupação com a expansão da educação para a grande massa. De acordo com Saviani, as formas de classes de alunos também constituíam um projeto de refinada seleção, uma escola pensada para as elites. Nesse contexto, a educação das massas populares não estava presente conforme informa Bomenny (2007) em seu artigo. Em outras palavras, não fazia parte dos interesses das elites a expansão da educação. Somente na Reforma

e hoje a minha avó tem 92 anos. A minha avó materna pôde ser alfabetizada anteriormente porque desde muito nova, desde os 12 anos, trabalhava como empregada doméstica. Então, ela, dentro desse contexto, aprendeu a ler para poder servir melhor⁷.

É importante falar da modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) e da relevância que ela tem para esses jovens e adultos que não puderam estudar. Foi nessa modalidade que minha avó se alfabetizou, no bairro chamado Mútua, no município de São Gonçalo (RJ). Na época, ela já era uma costureira que trabalhava para todo o bairro, era muito conhecida e sempre falava disso com muita dor — a questão da escolaridade.

A minha avó materna tem cinco filhos vivos; na realidade, teve sete, mas duas filhas gêmeas faleceram. Minha avó paterna também teve cinco filhos. Essas duas mulheres também tentaram, em uma sociedade sem as políticas públicas que temos hoje para a permanência dos estudantes. Políticas às quais eu também não tive acesso, porque, na minha época de escola, não havia distribuição de livros didáticos, uniformes, alimentação ou transporte. Ainda assim, elas tentaram dar o mínimo de escolarização para os seus filhos⁸. Então, veja bem, é um projeto que não se encerra “porque não conseguimos e acabou!”. Depois vêm meus pais incentivando a mim e meu irmão a estudar.

Fotografia 3 – Autora e sua mãe, Claudete Bento, na defesa de monografia no curso de Ciências Sociais da UERJ



Fonte: Acervo pessoal da autora, Rio de Janeiro, 2010.

FORMAÇÃO ACADÊMICA, RELIGIOSIDADE E OCUPAÇÃO

Fiz bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e bacharelado em Biblioteconomia e Documentação pela UFF (Universidade Federal Fluminense). Tenho duas formações em nível de graduação, sou mestre em Relações Étnico-raciais pelo CEFET-RJ (Centro Federal de Educação e Tecnologia Celso Suckow da Fonseca) e integrei a primeira turma do mestrado do CEFET-RJ, bem como a primeira turma de ações afirmativas da UERJ. Também tenho doutorado em Ciências Sociais pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Tenho uma filha de treze anos que é iniciada⁹ nas religiões de matrizes africanas, em especial no candomblé, e ela é a minha mais velha; fez santo junto comigo e compomos o mesmo barco. Ela é minha dofonitinha de

Paulista, em 1920, que a educação das massas populares foi colocada e conduzida por Sampaio Dória. No entanto, a escola proposta era “aligeirada e simples”.

⁷ CUNHA, Olívia Maria. Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição. In: CUNHA, Olívia; GOMES, Flávio; SW. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

⁸ Para mais informações sobre as estratégias das famílias negras para acessar a educação, veja o trabalho de Sônia Beatriz Santos (2016), intitulado “Famílias negras: uma perspectiva sobre raça, gênero e educação”.

⁹ Ser iniciada no Candomblé significa passar por um rito de passagem, um processo de transformação espiritual que estabelece uma relação direta com um Orixá e torna a pessoa um “filho de santo”. A iniciação, também conhecida como “feiturinha” ou “feito”, envolve rituais específicos e um período de recolhimento e aprendizado. Fonte: <https://super.abril.com.br/cultura/como-funciona-a-iniciacao-no-candomble>. Acesso em: 19 mai 2025

Omolu¹⁰ (Orixá) e eu sou Fomo de Iemanjá¹¹ (Orixá). Abaixo está uma fotografia sua bem novinha, aos sete anos de idade:

Fotografia 4 – Filha da autora na Festa de Candomblé para o Orixá Omolu



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2015.

A outra imagem é de um dos coletivos que fundei na UERJ e do primeiro seminário de estudantes negros que realizamos junto ao Programa de Estudos e Debates dos Povos Afro-americanos e Africanos/PROAFRO da UERJ. Outros locais por onde ando: faço parte da Associação Brasileira de Pesquisadores e Pesquisadoras Negros e Negras/ABPN, e, nela, estou no grupo de Ciências Exatas e não no grupo das Ciências Humanas. Faço parte do grupo Negros na Ciência e Tecnologia, que é composto pelo pessoal da matemática, da química, da física e da biologia. Também sou integrante da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais/ABECS, área em que leciono atualmente na UFRJ. Sou professora temporária na UFRJ e fui professora temporária na UFF (campus de Niterói), onde ministrei a disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais na Escola. Recentemente, fui aprovada para a vaga de professora efetiva da UFF, no campus de Campos dos Goytacazes, para trabalhar com as disciplinas de didáticas e estágios. Pesquiso dentro do campo das Relações Raciais.

DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

No ano de 1984, o Brasil estava passando por um momento considerado marcante, porque é o primeiro momento em que tivemos um método para quantificar na educação¹². Na década de 1990, há um movimento para a ampliação de escolas para que sejam mais próximas das residências dos alunos e para garantir um ensino fundamental, como considera Helena Bomenny (2007). No contexto educacional, tivemos avanços: “foi nessa década que assistimos a um movimento de mobilização e pressão social pela melhoria do sistema educacional motivado por indicadores internacionais de baixo desempenho” (Bomenny, 2007, p. 42).

Nesse contexto, eu estudei em uma escola que hoje está fechada na cidade de Niterói e na comunidade do Cantagalo. Mas lembro-me de que, até a geração do meu irmão, era necessário pagar para realizar o ensino fundamental I, e isso ia da creche até o primeiro e segundo anos do ensino fundamental I. E a minha geração, pelo fato de ter havido a expansão do acesso às escolas, consegui, apesar de toda a questão das políticas neoliberais, vivenciar, sim, uma ampliação do acesso às escolas de ensino fundamental. Este é um momento marcante para quem estuda a educação, e aí vou fazer mais relação com as pessoas que escrevem e estudam no campo da Sociologia da Educação. Porque, de fato, falar de trajetória acadêmica sem relacionar com os autores desse campo fica difícil.

¹⁰ Omolu, também conhecido como Obaluaê, Xapanã e Sapatá, é um orixá da cultura iorubá, de grande importância na religião afro-brasileira. Ele é considerado o senhor da terra, das doenças e da cura, sendo venerado e, por vezes, temido. É associado à cura de doenças epidêmicas e físicas, assim como à proteção contra a morte prematura e à preservação da paz da terra.

¹¹ “Orixá feminino, responsável pela maternidade, relações familiares, saúde mental e inteligência. Orixá iorubá cultuada em Abeokutá e trazida para o Brasil por sacerdotisas(es) africanas(os) escravizadas(os). No Brasil é cultuada no mar e é muito popular” (SANTOS, 2022, p. 90).

¹² Prova Brasileira de Aconselhamento (PBA), que visava quantificar e avaliar a qualidade da educação

Outra questão: existe uma fala muito perversa, que é a seguinte: quando você vem de famílias que não têm sobrenomes estrangeiros e são Silvas, Santos, Oliveiras ou então receberam o sobrenome do colonizador, como o meu, Bento dos Santos, o meu verdadeiro nome ainda bem que Iemanjá me deu¹³, mas, quando você não tem sobrenome estrangeiro, falam que você fez Ciências Sociais porque “foi o que deu!”, “o que sobrou!”, “que cursou a faculdade de Ciências Sociais só para ter uma faculdade, um nível superior, e que tem muito aluno que está lá só por isso!”. No meu caso, não. Eu escolhi Ciências Sociais aos dezesseis anos de idade, sempre fui uma aluna que gostava das humanidades, mas eu não queria cursar Direito ou Serviço Social e nem pensava em História, porque meu irmão já fazia e eu não me identifiquei, e Geografia eu achava muito difícil. Então, não foi porque eu tentei outras áreas ou pela quantidade de candidato-vaga. Eu penso que é importante falar isso porque já abandonei um curso de especialização porque a professora disse para mim: “Você não sabe, mas você só fez Ciências Sociais porque era o que dava para você!”. É esse nível de violência que esse corpo negro passa nas instituições. Mas eu até já trabalhei com essa professora e, em algum momento, falarei isso para ela. Eu sou daquelas pessoas que esperam sentada o melhor momento para falar.

Então, eu escolhi o curso aos dezesseis anos e entrei na universidade com dezenove, apesar de a minha família ter me aconselhado a tentar outros cursos, como Enfermagem e Farmácia. Assim, optei por Ciências Sociais porque queria compreender as dinâmicas sociais e, sobretudo, porque sempre fui uma pessoa observadora dos comportamentos e do que as pessoas diziam; isso sempre me interessou muito. Também é preciso dizer que ser da primeira turma de cotas para negros da UERJ foi muito marcante, pela oportunidade de conhecer lideranças¹⁴ e intelectuais que pesquisam as questões raciais, por ter sido estudante de três cursos de extensão de história e cultura africana e afro-brasileira¹⁵ e por ver professores negros. Aquilo ali (contexto social) foi um processo formativo.

EDUCAÇÃO COMO UM PROJETO COLETIVO DAS FAMÍLIAS NEGRAS

Dentro da Sociologia da Educação se fala de muitos estudos, como os de Maria Alice Nogueira (1998) e Nadir Zago (2011). Essas autoras abordam a presença da família na composição, no incentivo e nos estímulos para que os filhos estudem. E isso até lembra um trecho da música da Elis Regina, gravada a partir de Milton Nascimento, “Canção do Sal¹⁶”: “Filho vem da escola. Problema maior de estudar. Que é pra não ter meu trabalho. E vida de gente levar”.

Entendo que a minha entrada na universidade, cursando graduação, mestrado, doutorado e posteriormente tornando-me professora universitária, não é um projeto particular da minha família, dos meus pais. Cabe dizer também que eu fui uma criança como Milton Santos¹⁷, que ficou até os dez anos de idade sem ir à escola. Eu não fiquei até os dez anos, mas, quando cheguei à escola, já estava no processo de pré-alfabetização porque os meus familiares — minha mãe, meu irmão, minha tia — escreviam as vogais e as letras, e eu já ia compondo. Eu tinha interesse e tinha esse tipo de estímulo.

A escola para a criança negra, como vão mostrar Nilma Lino Gomes (2002), Eliane Cavalleiro (2001) e Azoilda Loretto Trindade (2006), é um local de trauma, um espaço onde há várias práticas racistas. Então, quando cheguei à escola, eu tinha dificuldades de aprendizagem, mas já vinha de um contexto de muito estímulo. Estímulo para a leitura, para a escrita, e onde não era a primeira vez que via determinadas coisas; já fazia parte das minhas brincadeiras contar, escrever etc.

E meus pais tinham baixíssima escolaridade: meu pai estudou até o sexto ano escolar (antiga quinta série) e minha mãe até o segundo ano escolar (antiga primeira série). Então, existia ali um projeto coletivo de incentivo. Tios davam livros; quando eu fiquei internada na infância, meu tio me deu uma coleção de livros da Editora Paulinas chamada *Alice no mundo da Bíblia*. Lembro que, durante o horário de visita, meu pai ia e voltava da rua ao hospital várias vezes para comprar revistinhas em quadrinhos para eu ler. Eu lia muito rápido; já era uma pessoa ansiosa desde pequena.

¹³ Refiro-me ao nome que recebemos quando somos iniciados no candomblé

¹⁴ Lideranças negras do movimento social.

¹⁵ Cursos oferecidos no espaço da UERJ pela Faculdade de Educação e pelo setor de extensão da universidade.

¹⁶ Durante a palestra, errei o título da letra da música e disse que era Caxangá

¹⁷ Milton Santos é considerado o geógrafo brasileiro que contribuiu para a renovação do pensamento geográfico. Ao longo de sua trajetória de vida, o intelectual sempre salientou a relevância de ter sido alfabetizado pelos seus pais, professores, e de ter estudado em casa até os dez anos. Para mais informações, ver a dissertação de mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, do Prof. Diogo Marçal Cirqueira, *Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos* (2010).

A ENTRADA NA UNIVERSIDADE

Quando eu entrei na UERJ foi assim: eu sempre soube que existia racismo porque o sofria diretamente, principalmente na escola. Na minha família, eu nunca fui chamada de “moreninha”, até porque sou uma mulher negra de pele preta, graças a Deus, apesar de saber de alguns casos¹⁸. Mas, sempre me foi dito: você é negra! Ao entrar na UERJ no contexto das ações afirmativas, as disputas, os discursos e a forma como a mídia tratava a questão das cotas me geraram até medo. Lembro que, no dia da minha inscrição, fiz junto com o meu irmão porque fiquei com receio até de apanhar na época, tamanha era a violência das falas que passavam na televisão.

Também, no Rio de Janeiro¹⁹, havia uma intelectualidade branca promovendo o discurso da democracia racial e sustentando que no Brasil “não é bem assim” o racismo, retomando toda aquela fábula das três raças. Ali é o momento em que entendo que estávamos tirando o véu. Se na década de 1970 tivemos o Movimento Negro Unificado (MNU) denunciando o racismo, no início dos anos 2000, com as ações afirmativas, colocamos ainda mais o dedo na ferida. E aí vemos escolas privadas fazendo manifestações e indo até Brasília. E, novamente, quando nós pessoas negras somos muito oprimidas, nos aquilombamos no sentido de formar mais coletivos. Dentro do contexto da UERJ, surgem vários coletivos de estudantes negros; não é apenas o DENEGRIR²⁰, o CENEGA-RJ²¹, o Coletivo Luiz Gama²² e o Coletivo Claudia Silva²³. Vão sendo criados vários outros coletivos para sobreviver naquele espaço, porque por dentro a universidade também teve vários processos que tentaram retirar as ações afirmativas, como as plenárias no CONSUNI.²⁴

Dessa forma, passei por vários coletivos: DENEGRIR, CENEGA-RJ e Aqaltune²⁵. E me lembro, como informa a tese de Amílcar Pereira (2010), da importância das organizações negras dentro das universidades e da criação desses coletivos. Outro ponto é como os movimentos negros propõem toda uma formação mediante a disputa curricular. Se não há essa formação dentro da universidade, nós organizamos grupos de estudo aos sábados e, ao invés de ir se divertir, estamos estudando autores negros e negras. Nesses grupos, apresentei os resultados da minha monografia e fui incentivada a pesquisar o que estudei no mestrado.

Fotografia 5 – Reunião do Grupo de Estudos da Associação de Mulheres Negras Aqaltune



Fonte: Acervo pessoal da autora, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁸ Trato do caso de pessoas negras retintas que se consideravam morenas e nunca negras.

¹⁹ No Rio de Janeiro e no Brasil. A posição política de intelectuais brancos que, antes da Lei de cotas, estudavam as questões raciais pode ser verificada no “Manifesto contra as Cotas”, o qual está disponível no seguinte endereço: https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u18773.shtml?fbclid=IwY2xjawKXGNFleHRuA2F1bQlxMQBicmlkETFBdzZPaVpDZVN0ZWM1c1Z3AR5_Xr4HJNZeLkaq7rcrYTZ8TsQ-i0ZC-vWi94oO-7QpY1bw4hm7WMhYQCc04xw_aem__61PiaPZtLFYfp3v3oTGEQ

²⁰ Coletivo e Estudantes Negros e Negras da UERJ – DENEGRIR. Fundado no ano de 2005.

²¹ Coletivo de Estudantes Negros e Negras do Estado do Rio de Janeiro/CENEGA - RJ. Fundado no ano de 2004.

²² Coletivos de Estudantes Negros e Negras da UERJ, com a maioria dos membros pertencentes à Faculdade de Formação de Professores/FFP e com atuação na cidade de São Gonçalo. Sem informações sobre o ano de fundação.

²³ O Coletivo Claudia Silva é um coletivo de mulheres negras, estudantes da Faculdade de Formação de Professores/FFP da UERJ e que foi criado em memória ao assassinato de Claudia Silva no ano de 2014.

²⁴ Nos primeiros anos das cotas raciais na UERJ, muitos docentes tentavam aprovar no Conselho Universitário da Universidade (CONSUNI) a proposta de extinguir a política de ações afirmativas para a população negra. A justificativa apresentada era de que a universidade precisava ter sua autonomia respeitada e de que as ações afirmativas não haviam sido discutidas e aprovadas internamente.

²⁵ A Associação de Mulheres Negras Aqaltune foi fundada no ano de 2008 e era composta por estudantes negras de diversas universidades públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro.

Trago também os trabalhos de Messias Basques (2022) e Andrea Lopes Costa (2022) para falar da ausência, dessa marginalidade da intelectualidade negra e da moda atual em que todo mundo acha que discutir Lélia Gonzalez é apenas falar do texto “*Racismo e sexismo na cultura brasileira*” (1984) e que isso já é ser antirracista – um saco isso! Eu sempre falo: “É só isso que você leu de Lélia? Nem trabalho com esse texto; eu trabalho com os textos dela sobre beleza”. E aí, prontamente, me perguntam: “De beleza²⁶?”.

Outro dado é a formação continuada, porque continuo circulando nesses espaços do movimento negro e me formando. Um curso marcante foi o de extensão que ocorreu no Colégio Pedro II, no Centro do Rio de Janeiro, e que atualmente se tornou um curso de especialização: Educação das Relações Étnico-raciais no Ensino Básico (EREREBÁ). Nesse curso criei toda uma rede; vou às escolas das pessoas, participo das bancas de pós-graduação e ali há uma política do amor-político.

O movimento negro também, como menciona a professora Gislene Aparecida dos Santos, da USP (Universidade de São Paulo) e do curso de Filosofia, constrói os seus intelectuais. E nessas fotos estou ao lado da professora Anita Canavarro, da UFG (Universidade Federal de Goiás), que é uma referência na área de Química. Ela saiu do que é considerado uma Química mais “dura” e passou para o Ensino de Química. Na foto estou com ela e com as militantes da ONG Dandaras do Cerrado e integrantes do Projeto Investiga Menina. Por esse projeto, fui à cidade de Goiânia duas vezes para falar das minhas pesquisas.

Fotografia 6 – ONG Dandaras do Cerrado e Projeto Investiga Menina da UFG



Fonte: Acervo pessoal da autora, Goiânia, 2022.

Na outra foto, estou no III Encontro de Educadores(as) Negros(as) e Indígenas de Aracaju, no ano de 2023, junto à professora Edite, que me convidou, uma mulher indígena de origem tupinambá. Como disse, os movimentos sociais, principalmente os movimentos negros e indígenas, vão construindo seus intelectuais e os fortalecendo (Gomes, 2017; Munduruku, 2012).

26 GONZALEZ, Lélia. Odara Dudu: beleza negra. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Texto originalmente publicado em 1986.

Fotografia 7 – II Encontro de Educadores Negros, Negras e Indígena de Aracaju



Fonte: Acervo pessoal da autora, Aracaju, 2023.

Ao meu lado na foto está a minha filha, porque sou uma intelectual que sempre a leva para eventos acadêmicos. Outro dia, ela esteve na banca de mestrado do pai e um dos professores da banca falou: “Ah, é bom você trazê-la, ela vai se adaptando ao ambiente acadêmico”. Daí o meu marido riu e disse ao professor: “Nossa, mas a minha filha conhece a Universidade de Santa Catarina e talvez conheça mais universidades do que você”. A pessoa olhou para uma criança negra e achou que ela não conhecia. E, de fato, no Rio de Janeiro, ela conheceu todas as universidades públicas porque foi comigo a todas.

AS PESQUISAS ACADÊMICAS E SEUS DESDOBRAMENTOS

O meu objeto de pesquisa é o corpo e o cabelo dentro de um ponto de vista antropológico. Também busquei estranhar uma cultura familiar porque, além de a minha família ser do santo, é composta por mulheres que trançavam os cabelos, isso até a minha geração. Durante a graduação em Ciências Sociais, realizei uma etnografia e entrevistei quinze mulheres negras sobre o tema da identidade negra e dos cabelos. Na graduação em Biblioteconomia, como fazia estágio na Fiocruz, tratei de saúde, especificamente da saúde ocupacional dos bibliotecários. No mestrado, trabalhei a relação da matemática nas tranças, e a última pesquisa foi a minha tese de doutorado, em que pensei sobre o reconhecimento profissional das trançistas. E até que deu certo, porque a tese está em um Projeto de Lei e circulando em Brasília para contribuir com a discussão sobre a profissionalização.

Paro aqui para falar da dissertação de mestrado porque investiguei as práticas de trançar cabelos relacionadas à matemática e trabalhei com a área da Etnomatemática. Ali mostro vários conhecimentos matemáticos presentes na confecção dos trançados, faço associações com feixe de paralelas e realizo uma demonstração ocidental da matemática relacionando-a ao trançado em si.

O interessante dessa pesquisa é que a defendi em 2013 e, apesar de eu não ter paciência para usar redes sociais — eu uso, mas não tenho paciência para fazer vídeos divulgando minha pesquisa e outras atividades —, a pesquisa foi ganhando corpo, espaço e reconhecimento. Por questões de compreensão, neste trecho do texto apresentarei os dados relatados durante a palestra sobre o reconhecimento da pesquisa, a partir de um quadro que sistematiza o estado da arte sobre o tema da etnomatemática das tranças. Uso este método por compreender que tornará mais fácil a compreensão do leitor e da leitora acerca das informações mencionadas.

Tabela 1 – O estado da arte sobre a etnomatemática das tranças

Dissertações de Mestrado						
Título	Autor(a)	Área	Instituição	Ano		
1	Saberes populares da etnomatemática numa cosmovisão africana: contribuições à etnociência	Cleiton da Silva Resplande	Ensino de Ciências e Matemática	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	2020	
2	Convergência entre a etnomatemática e a metodologia de reconhecimento de saberes: potencializar identidades negras	Jorlania Carolina Candido de Souza	Educação de Jovens e Adultos e Ensino de Matemática	Universidade do Estado da Bahia	2021	
3	Investiga Menina: uma estratégia de <i>advocacy</i> em currículos de química.	Geisa Louise Mariz Lima	Ensino de Ciências e Matemática	Universidade Federal de Jataí	2024	
4	A Etnomatemática da cultura afro-brasileira: possíveis contribuições na aprendizagem de matemática e cultura afro-brasileira dos estudantes da Educação Básica	Nickson Deyvis da Silva Correia	Ensino de Ciências e Matemática	Universidade Federal de Alagoas	2023	
Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização						
5	Conceitos matemáticos presentes nos trabalhos das trançistas: uma relação com a (Afro)etnomatemática	Anne Karine Cherrin de Souza	Educação Matemática	Universidade Federal do Maranhão	2022	
6	Trançando o antirracismo em sala de aula: uma sequência didática interdisciplinar sobre a história das tranças africanas e a etnomatemática.	Isadora Kéto-ry Souto de Moraes	Ensino de Humanidades	Instituto Federal do Sul Rio-grandense	2024	
7	A trilha das Tranças Afro: uma pesquisa-ação em prol da inserção da cultura afro-brasileira no ensino das Progressões Aritméticas	Francileide Santana dos Santos	Educação Matemática	Universidade do Estado da Bahia	2022	
8	“Debaixo da sua trança tem história pra contar”: uma proposta didática para o ensino de polímeros a partir do contexto das tranças sintéticas.	Vanessa Sales de Carvalho Mello	Licenciatura em Química	Universidade Federal da Bahia	2022	
9	Do afro à álgebra: um estudo das tranças	Joice Caroline de Jesus Marques	Licenciatura em Matemática	Instituto Federal do Sergipe	2022	

10	Etnomatemática em movimento: uma abordagem para valorizar as raízes matemáticas presentes na história e cultura afro-brasileira e africana	Bianca Silva Braga	Licenciatura em Matemática	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS	2023
11	A geometria como objeto de implementação da Lei 11.645/2008.	Alessandro Bispo de Souza	Matemática	Instituto Federal da Bahia	2023
12	Matemática e tranças: possibilidades de discussões etnomatemáticas no ensino médio	Carla Cristina Alves de Luna	Licenciatura em Matemática	Universidade Federal de Pernambuco	2024
13	Matemática afro-brasileira por meio das tranças africanas	Jéssica Carolina Fonseca Inácio	Licenciatura em Matemática	Universidade Federal de Lavras	2025
14	As tranças afro e sua abordagem etnomatemática na educação antirracista	Layane Ferreira dos Santos	Licenciatura em Matemática	Universidade Federal de Pernambuco	2025
15	Uma abordagem etnomatemática da profissão de trançista e sua contribuição para o ensino de matemática na educação do campo	Ana Cláudia Antônio da Silva; José Vilani de Farias	Educação do Campo e Matemática	Instituto Federal de Pernambuco	2023
Artigos publicados em revistas acadêmicas					
16	A prática de trançar de cabelos e sua contribuição para o Ensino de Matemática na Educação do Campo	Ana Cláudia Antônio da Silva; José Vilani de Farias	Educação do Campo e Matemática	Revista Sergipana de Matemática e Educação Matemática (ReviSeM) R, n. 4, p. 152 – 174	2024
17	A [M]matemática nas Tranças das Mulheres Angolanas ou as Tranças das Mulheres Angolanas na [M]matemática	Ezequias A. D. Cassela e Eliane C. Santos	Educação Matemática	Journal of Mathematics and Culture August	2023
18	Etnomatemática: um caminho para a valorização da história e da cultura afro-brasileira e africana	Bianca Silva Braga e Waleria Andrade Martins	Educação Matemática	Revista Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	2023
19	Africanidades, Matemática e Teatro de Mamulengos uma encruzilhada de saberes e reflexões	Anthony E. M. Vasconcelos; Cristiane de A. Rocha e José Ivanildo F. Carvalho	Educação Matemática	Revista Internacional de Formação de Professores da Universidade de São Paulo	2023

Projeto de iniciação Científica na educação básica ²⁷					
20	Etnomatemática presente nos penteados e trançados capilares: estudos de Luane Bento dos Santos	Carlos G. F. Távora; Maria Jéssyka A. Santos et al.	Matemática, Biologia e Artes	Anais da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Evento Científico ²⁸	2022
21	Etnomatemática e os saberes por trás das tranças	Uilana E. S. Jesus, Larissa V. Santos et al	Interdisciplinar	Projeto de Iniciação Científica da SEDUC-BA	2021
22	Entrelaçando saberes; a etnomatemática nas tranças culturais afro brasileiras	Laura Iraci Mousinho Ferreira da Silva, Luís Gustavo Gomes dos Santos, Maria Eduarda Santana do Nascimento, Marília Cecília Silva do Espírito Santos	Interdisciplinar	Projeto para 8º Semana de Iniciação Científica da da Secretaria de Educação Itapissuma/PE	2024
23	Padrões geométricos e algébricos existentes nas tranças nagô: Uma experiência na Escola	Lisandra Mayara Paulino dos Santos	Matemática	Projeto de Ensino na SEDUC-CE/ Etapa escolar	2024
Materiais didáticos					
25	Rio Educa	Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro	Matemática	Material didático para o 2º ano escolar	2022
26	Rio Educa	Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro	Matemática	Material didático para o 4º ano escolar	2022
27	Rio Educa, Projeto Travessias	Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro	Matemática	Material Didático de Reforço para o 6º ano escolar	2022
28	Caderno de Gestão Escolar para a Equidade. Espírito Santo	Instituto Unibanco e Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo	Interdisciplinar	Caderno didático para a Gestão da SEDUC-ES	2022

²⁷ Durante o evento, eu me referia às semanas científicas promovidas pelos seguintes estados: Ceará, Piauí, Bahia e Paraíba.

²⁸ O Ceará Científico é uma ação implementada nas escolas da rede estadual de ensino público desde 2007 e envolve todas as escolas e estudantes da rede pública do estado do Ceará. Tem como princípio popularizar as ciências e promover o desenvolvimento de tecnologias, estimulando a investigação, a inovação e a busca de conhecimentos de forma cotidiana e integrada com toda a comunidade escolar. Os projetos escolares são desenvolvidos pelos estudantes, sob orientação de seus professores, estabelecendo relações dinâmicas entre os conhecimentos específicos das disciplinas da base comum do Ensino Fundamental e Médio e as problemáticas sociais, culturais e ambientais, incentivando a construção de projetos que promovam a integração curricular, enaltecendo a interdisciplinaridade e/ou a transdisciplinaridade com foco na sustentabilidade. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/ceara-cientifico/>

29	Livro de Matemática, 6º ano, Ensino Fundamental II, (Coleção Keppler)	Editora Santillana e Moderna	Matemática	Material didático do Ensino Fundamental II	2022
30	Prisma: ciências humanas: Brasil da diversidade: sociedade e direitos: ensino médio	Editora FTD	Ciências Humanas	Livro Didático do Ensino Médio	2020
31	Caderno de Apoio à Aprendizagem – EJA	Secretaria de Educação do Estado da Bahia	Interdisciplinar	Ensino Médio	2021
32	Matemática e seu ensino : na esteira da educação das relações étnico-raciais (Cartilha de práticas pedagógicas. Matemática: ensino fundamental).	Ivanildo Carvalho (Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco)	Matemática	Material de Apoio do Professor para o Ensino de Matemática do Fundamental II	2024

Fonte: Tabela elaborada pela autora, 2025.

A minha trajetória (acadêmica e de vida) é marcada pela preocupação com a questão racial; não há como separar uma coisa da outra. Como me disse uma aluna da EJA, do primeiro ano do ensino médio: “Todas as suas pesquisas levam a isso, né? Todos os seus trabalhos tratam da questão racial!”. E eu respondi: “Já que ninguém trata, eu serei a professora que vai falar sobre”.

Basicamente, é isso: compreendo que sou fruto do movimento negro educador, do movimento negro cultural. Até o meu nome, Luane Bento, remete a esse contexto da década de 1980, quando houve a disseminação de nomes mais africanos, como Luanda, Luana, Lorane. Sou, portanto, produto dos movimentos negros, das ações afirmativas, e só estou aqui porque existe movimento negro. Não estaria se não houvesse esse movimento negro familiar, esse projeto educativo da minha família, e temos várias referências que discutem isso, como Petrônio Domingues (2008). Também não estaria aqui se não tivesse havido lutas políticas para que o Brasil adotasse ações afirmativas.

Além disso, temos contribuído para os campos de pesquisa, como o da educação. Por isso quis mostrar os resultados da dissertação: entendo que estou viva, enquanto muitos intelectuais negros presentes nos livros didáticos só passaram a ser reconhecidos após a morte. Podemos até não valorizar os livros didáticos, mas, dependendo da região do Brasil, eles são o único material de leitura que chega às escolas. Esses intelectuais entram já mortos, enquanto eu estou viva. Tenho quarenta anos e produzi uma pesquisa que faz o estudante olhar e dizer: “Nossa, eu não imaginava que cabelo ou trança tinha matemática!”.

Como me disse uma estudante em um curso que ministrei: “Que bom, né? Porque antigamente a gente só aparecia no livro acorrentado!”. Agora, o nosso cabelo, um dos elementos do corpo mais usados para nos discriminar (Gomes, 2006), torna-se um recurso de aprendizagem. Um espaço onde se pode aprender matemática, história africana e no qual eu tenho contribuído.

É isso, de forma rápida, porque sou muito prolixa. Muito obrigada!

REFERÊNCIAS

- BASQUES, Messias. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais. *Revista Ayê*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2019.
- BOMENY, Helena. Salvar pela escola. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 55, p. 41-67, 2007.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- COSTA, Andréa Lopes. Ações afirmativas e transformações no campo intelectual: uma reflexão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 43, p. 1-17, 2022.
- DOMINGUES, Petrônio. Um templo de luz: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 517-534, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paideia*, n. esp., fev./ago. 1998.
- PEREIRA, Amílcar Araújo. "O mundo negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Niterói, 2010.
- SANTOS, Luane Bento dos. Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros. 2013. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013.
- SANTOS, Luane Bento dos. "Trancista não é cabeleireira!": identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2022.
- SANTOS, Sônia Beatriz. Famílias negras: uma perspectiva sobre raça, gênero e educação. *Fórum Identidades*, Itabaiana, p. 116-158, 2016.
- SAVIANI, Dermeval. A política educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 3: Século XX.
- TRINDADE, Azoilda. Valores e referências afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). *Saberes e fazeres: modos de interagir*. v. 3. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- ZAGO, Nadir. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em sociologia da educação. *Revista Luso-brasileira*, ano 2, n. 3, p. 57-83, 2011.

Data de submissão: 20/05/2025

Data de aceite: 21/10/2025

Data de publicação: 15/12/2025